

Fantasia, criatividade e realidade no pensamento de Winnicott

Carlos Alberto Plastino*

Resumo: "Muito mais do que a ordem moral da sociedade, é sua ordem lógica e ontológica que a psicanálise põe em causa". Pode esta contundente afirmação de Cornelius Castoriadis ser considerada pertinente? O artigo tenta responder esta pergunta e o faz discutindo dois momentos na história da psicanálise. Primeiramente à luz do legado freudiano, que discute propondo fazer nele uma distinção fundamental. Considerando as descobertas operadas por Freud na sua prática clínica – inconsciente, processo primário, primado da afetividade" – a resposta é positiva. Porém considerando a elaboração metapsicológica empreendida por Freud e sua subordinação aos pressupostos paradigmáticos da modernidade, a resposta deveria ser negativa. Num segundo momento o artigo discute a perspectiva da psicanálise autodenominada "heterodoxa", mostrando como a significação que esta outorga à fantasia e sua participação na construção da realidade, assim como o papel fundamental que atribui à criatividade, à contestação dos postulados ontológicos, antropológicos e epistemológicos da filosofia herdada parece inquestionável.

Palavras chave: psicanálise, lógica, ontologia.

Fantasy, creativity and reality in Winnicott's thinking

Abstract: "Much more than the moral order of society, what psychoanalysis put so profoundly into question is its logical and ontological order." Can this compelling statement by Cornelius Castoriadis be considered pertinent? This article tries to answer this question by discussing two periods in the history of psychoanalysis. First in the light of the legacy of Freud, to which a fundamental distinction is proposed. Considering Freud's discoveries in his clinical practice - unconscious, primary process, primacy of affectivity-, the answer is positive. Nevertheless, considering the metapsychological elaboration undertaken by Freud and its subordination to the paradigmatic assumptions of modernity, the answer should be negative. In a second moment, the article discusses the self-named "heterodox" psychoanalytic perspective. By emphasizing the role of fantasy and creativity in the construction of reality, this second perspective radically questions the ontological, anthropological, and epistemological postulates of the inherited philosophy.

Key word: Psychoanalysis, logical, ontological, order.

Para enfatizar o conteúdo revolucionário da descoberta freudiana, Castoriadis (1986, 374) afirma que "*muito mais do que a ordem moral da sociedade é sua ordem lógica e ontológica que a psicanálise põe em causa*". Esta frase do pensador greco-francês

* Psicanalista e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Contato: caplastino@gmail.com

constitui um instigante ponto de partida para refletir sobre as complexas relações entre a psicanálise e a filosofia. Convém inicialmente interrogar-se sobre a pertinência dessa afirmação. A resposta para esta pergunta não é óbvia nem simples, exigindo desenvolver uma série de considerações que nos ocuparam ao longo destas reflexões. Como se verá, ela é pertinente quando referida aos conhecimentos surgidos na e a partir da *experiência clínica*, tornando-se, no entanto, problemática quando referida à elaboração metapsicológica freudiana. A seguir discuto esta diferença fundamental.

Freud reivindicava com firmeza a autonomia e originalidade da sua descoberta, sustentando enfaticamente sua independência em relação à reflexão filosófica. Mesmo em relação a aqueles filósofos com os que reconhecia maior proximidade de ideias – Schopenhauer e Nietzsche – afirmava não ter sido influenciado por eles, os tendo lido após elaborar as concepções centrais da psicanálise. O estudo do processo da experiência de conhecimento que levou à descoberta do inconsciente e de seu modo específico de funcionamento – o processo primário –, permite sustentar a alegada autonomia da psicanálise. Ignorado pela concepção ontológica e antropológica dominante, o inconsciente constitui um “objeto”, cuja descoberta tinha sido operada através de um processo de conhecimento alheio às concepções epistemológicas dominantes. A psicanálise emerge não apenas como uma experiência clínica e terapêutica, mas também como uma *experiência singular de conhecimento*. Ela contém, assim, não apenas *um novo objeto de saber*, mas também *uma nova forma de saber*. Saber não gerado por um sujeito de conhecimento que se debruça com neutralidade sobre seu objeto, registrando causas materiais e quantificáveis, mas produzido ao interior de um campo de experiências específico, constituído por um relacionamento intersubjetivo caracterizado por relações de afeto. O saber construído pela psicanálise se sustenta, assim, numa experiência singular, completamente diferente aos experimentos construídos pela ciência moderna para construir o conhecimento sobre o mundo material. A experiência psicanalítica se diferencia do experimento na medida em que, se este privilegia o distanciamento e neutralidade do sujeito de conhecimento, a quantificação e repetitividade do experimento, a experiência psicanalítica é desenvolvida no contexto de uma relação entre sujeitos singulares na qual os fatores afetivos possuem um papel fundamental.

Na sua experiência clínica, Freud descobriu a existência de conteúdos psíquicos ignorados pela consciência, porém ativos e eficientes na vida anímica do sujeito. Resistindo durante uma década a assumir plenamente a radicalidade de sua descoberta,

Freud acaba por afirmá-la plenamente no que seria, em certo sentido, sua obra fundacional: “A Interpretação dos sonhos” (Freud, 1900). Referindo-se a esse processo fundamental na emergência da psicanálise, Freud confessa ao rememorar seu percurso inicial que teve que “render-se à evidência” (Freud, 1925, 30) da existência do inconsciente, assim como de seu específico processo de funcionamento, isto é, de percepção, de memória e de pensamento. Denominou este processo de processo primário, contrastando-o com o processo secundário. Assim, ao construir seu conceito de inconsciente para dar conta dos fenômenos experimentados na sua experiência clínica, Freud propõe duas perspectivas. A perspectiva *tópica* – metáforas de localização –, diferenciando consciente de pré-consciente e de inconsciente, e a perspectiva processual, na qual o processo primário, próprio do inconsciente, se contrapõe ao processo secundário, próprio do pré-consciente/consciente.¹ A afirmação da existência da realidade psíquica, tão real quanto a realidade material, porém, diferente dela, como afirma Freud no capítulo VII da “A Interpretação dos sonhos” e ainda a afirmação dessa realidade como sendo genuinamente inconsciente, sustentam a afirmação de Castoriadis, segundo a qual a psicanálise questiona “a ordem ontológica e antropológica” dominante. Como se verá, questiona também sua ordem epistemológica. Vejamos estas questões mais de perto.

Diferentemente do processo secundário, que trabalha com a lógica identitária e a linguagem, o processo primário o faz com imagens² e afetos (emoções), sustentando a capacidade humana de criar e comunicar sentido através dessas imagens e emoções. Esta capacidade precede à experiência de fazê-lo com o discurso lógico e à linguagem, já que o processo primário é também o processo primeiro. E isto em três registros diferentes: na história da espécie, na de cada indivíduo e ainda na de cada ato psíquico. Estes últimos começam sempre através do processo primário, podendo ou não ser continuados no registro do processo secundário. Sustentado na sua experiência, Freud considerava que apenas a minoria dos atos psíquicos, operados conforme o processo primário, atingiam o estágio do processo secundário. Postular a participação do inconsciente nos processos de percepção e apreensão, significa postular uma *relação pré-reflexiva com o real*, sustentada em experiências emocionais e corporais, geradoras de uma compreensão que não é da

¹ Na sua teorização inicial Freud assimila processo primário e processo inconsciente e processo secundário e processo consciente. Mantida ao longo de toda sua obra, esta concepção tornou-se, no entanto, mais complexa, após Freud constatar na sua experiência clínica a existência de conteúdos psíquicos inconscientes no sentido dinâmico (isto é, insuscetíveis de consciência), porém, organizados conforme o processo secundário (Freud, 1915).

² Como se verá mais adiante neste artigo, as imagens neste contexto pertencem mais a processos de criação que de representação.

ordem do entendimento bem como de um sentido que não deve ser confundido com a significação intelectual. Esta concepção é sustentada por outro grande pensador, Albert Einstein ao descrever seu processo de trabalho: *“as palavras e a linguagem, na sua expressão oral ou escrita, - escreve Einstein – não parecem exercer papel algum no mecanismo de meu pensamento. As entidades psíquicas que servem como elementos de pensamento são certos signos e imagens, mais ou menos claros, que se podem reproduzir e combinar “voluntariamente”... Tomado do ponto de vista psicológico, este jogo combinatório é a característica principal do pensamento produtivo, antes de que se estabeleça um vínculo qualquer com uma construção lógica em palavras ou outros signos comunicáveis aos demais. Em algumas pessoas, são musculares. Apenas numa segunda etapa as palavras ou outros signos convencionais devem ser desenterrados com dificuldade, quando o jogo de associações tem de ser estabelecido suficientemente e se pode reproduzir a vontade”* (Laborde Nottale, 1992/158,159) Repare-se que Einstein apresenta claramente os dois processos psíquicos – primário e secundário – considerando ambos como processos de pensamento porém atribuindo ao processo primário o que denomina *“pensamento produtivo”, cerne da criatividade intelectual*. A destacar ainda a identificação dos “elementos do pensamento primário” (imagens e signos) como sendo de ordem visual e – em outras pessoas – musculares. Clara menção da participação do corpo no processo de conhecimento, em franca contradição com a assimilação do corpo a uma máquina, como faz o imaginário moderno.

A descoberta freudiana sustenta assim, uma nova compreensão do processo de apreensão e conhecimento do real, que, como veremos, é indissociável da ideia de criação. Freud referia-se a este conhecimento não racional como sendo *“o saber dos poetas”,* aos quais atribuía a capacidade de colher *“do turbilhão de seus próprios sentimentos as inteleccões mais profundas”* (Freud, 1930, 1986,128,129). Esse saber dos poetas se caracterizava, segundo Freud, por ser *“direta, imediata e não mediada”*. Trata-se de um ver sem olhar, isto é, sem o movimento ativo do ego e sem a organização que este constrói para apreender seu objeto. O olhar supõe separar o sujeito do objeto, construindo este enquanto objeto, fazendo assim necessário a mediação da representação. Alternativamente, o ver sem olhar significa um aquém dessa separação, uma apreensão imediata e direta. Apreensão magmática, na expressão de Castoriadis. Como escreveu Winnicott, o processo de criação é operado em estado de não integração, isto é, sem a distância que o ego estabelece entre nós e as coisas do mundo, separação que faz necessária a mediação da

representação linguageira. Coerentemente, o fundador da psicanálise alertava para não superestimar o carácter consciente da produção intelectual e artística, tendo clara consciência do impacto que a suas descobertas tinham sobre a concepção epistemológica dominante. Chegou inclusive a exprimir seu desejo de escrever sobre isso, declarando na sua correspondência ter “*o vislumbre de uma idéia para um estudo sobre o problema epistemológico do inconsciente*”. (Freud, Jung, Carta do 01/julho/1907,1976, 112). Tal projeto não foi realizado, possivelmente porque explicitaria ainda mais claramente as fortes contradições existentes entre sua compreensão da atividade do inconsciente nos processos de conhecimento e os postulados epistemológicos da modernidade que aceitara acriticamente na sua elaboração metapsicológica.

O que antecede permite afirmar que com a descoberta do inconsciente como “psiquismo genuíno” (Freud, 1900) e do processo primário – e primeiro –, Freud contesta a concepção do processo de percepção do real, do processo de produção de sentido e do processo de pensamento como capacidade exclusiva da consciência e do processo racional (processo secundário), dando assim fundamento à afirmação de Castoriadis citada no início deste artigo. Entretanto, as revolucionárias consequências dessas descobertas clínicas foram ofuscadas e, não raro, negadas, na sua metapsicologia, elaboração teórica de maior grau de abstração, formulada por Freud para lidar com aspectos “*não suscetíveis de observação direta*”, como define. Embora Freud se considerasse um empirista e declarasse sua aversão às metafísicas grandiosa, desde o começo de seu trabalho o fundador da psicanálise considerou necessário inserir o novo saber no contexto das concepções dominantes nas quais fora formado³. Assim, em obediência ao paradigma materialista então dominante, procurou encontrar uma “base material” para os fenômenos psíquicos inconscientes que descobrira na clínica. O fracasso da tentativa ensaiada no “Projeto de uma psicologia para neurologistas”⁴, na qual constatou a impossibilidade de derivar

³ É interessante referir que Freud foi aluno de Du Bois-Reymond e Brucke, mestres que tinham formulado o dito “juramento de Berlin”, centrado na concepção materialista. Dito juramento é ilustrativo da mentalidade da época e permite vislumbrar das dificuldades enfrentadas por Freud para poder pensar suas descobertas. “Brucke e eu – escreve Du Bois-Reymond – nos comprometemos solenemente a impor esta verdade, a saber, que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. No caso dessas forças não conseguirem ainda explicar, precisamos descobrir o modo específico ou a forma de sua ação, utilizando o método físico matemático, ou então postular a existência de outras forças de igual dignidade às físico-químicas, inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão”. Cfr. Livro de minha autoria citado na nota seguinte, p. 45/46.

⁴ Nas primeiras linhas do “Projeto de uma psicologia para neurólogos” Freud define seu objetivo: “brindar uma psicologia de base material, isto é, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente comandados por partes materiais comprováveis” (Freud,1895). Essa questão é extensamente discutida no livro “A aventura freudiana” (Plastino, 1993).

aspectos qualitativos de aspectos quantitativos – encontrando assim uma base material para os fenômenos psíquicos –, como escreve para Fliess, seu correspondente até a virada de século, (Freud,1950/1986,140/41), o levou a empreender a construção de um “teto”, isto é uma superestrutura teórica de maior nível de abstração, organizada a partir das concepções tomadas de empréstimo “das ciências próximas” (Freud,1915). As ciências em questão eram as ciências modernas, nascidas ao interior do paradigma moderno e organizadas conforme as concepções ontológicas, epistemológicas e antropológicas que estruturam esse paradigma. Dessa maneira, os “empréstimos” levaram para a organização mesma da metapsicologia as crenças materialistas, racionalistas, dualistas e patriarcais que embasam dito paradigma.

Freud esclareceu reiteradamente que a sua metapsicologia não constituía a base da teoria psicanalítica, mas sua superestrutura provisória, destinada a ser modificada tantas vezes quanto a experiência clínica mostra sua insuficiência ou incorreção. As reiteradas advertências do fundador da psicanálise sobre essa característica superestrutural e provisória da metapsicologia não impediram que, na transmissão da psicanálise, essas características e papel da metapsicologia fossem negligenciadas, fazendo implicitamente dela a base da teoria, que seria assim construída por via dedutiva. Dessa maneira, a teoria clínica ficou muitas vezes subordinada à teoria metapsicológica. A subordinação da metapsicologia aos pressupostos modernos e o caráter revolucionário das descobertas clínicas freudianas levaram a inevitáveis contradições entre ambas, fazendo com que, no registro metapsicológico, Freud ignorasse suas próprias descobertas. Com efeito, a metapsicologia freudiana não questionou a concepção dualista constitutiva do imaginário patriarcal “atualizado” pelo paradigma moderno, nem suas categorias ontológicas deterministas e essencialistas. Como se verá, a manutenção dessas crenças limitou severamente a teorização elaborada por Freud sobre a questão da fantasia e da criação, que constitui o tema central deste trabalho. Adotando o dualismo constitutivo do imaginário patriarcal e sua reformulação no contexto do paradigma moderno, a metapsicologia foi organizada a partir da oposição e hierarquização entre os polos da natureza e o da cultura. Nessa perspectiva as emoções foram pensadas como integrando o polo inferior desse dualismo (natureza), atribuindo ao polo “superior” a exclusividade nos processos de cognição e produção e atribuição de sentido, e concebendo o segundo – o que no ser humano pertence à sua natureza –, como desprovida dessa capacidade. Aderindo ao dualismo cartesiano, a elaboração metapsicológica torna o sentido tributário do significado

produzido pela consciência, reduzindo as emoções a pura quantidade e elaborando uma concepção coerente com o postulado especulativo do corpo/máquina. Na segunda teoria pulsional, de maneira pouco articulada e evocando como motivação “uma intuição” ou uma “visão”, Freud reconhece a qualidade das emoções e seu caráter natural, o fazendo, todavia, no contexto de outros pressupostos da modernidade – essencialismo e determinismo –, esvaziando severamente a concepção da criatividade humana. A subordinação da metapsicologia aos pressupostos paradigmáticos da modernidade é ainda evidente na concepção epistemológica, na qual Freud sustenta acriticamente o racionalismo da modernidade, em flagrante contradição com suas próprias descobertas e com seu próprio processo de criação intelectual, explicitamente atribuídas por ele ao trabalho da intuição, da apreensão direta e imediata, e do “saber dos poetas”.

Torna-se assim imperioso, para avaliar as consequências ontológicas, epistemológicas e antropológicas da descoberta freudiana, distinguir o descoberto na experiência clínica, da elaboração teórica dessas experiências no contexto das construções metapsicológicas. A discussão detalhada das contradições existentes entre as concepções metapsicológicas e as descobertas clínicas foge as possibilidades deste artigo⁵.

Winnicott: experiência clínica e rejeição da metapsicologia.

É importante lembrar, no início desta parte de minha reflexão, que a experiência clínica constitui uma experiência específica de conhecimento. Psicanalista e pediatra inglês de extensa experiência clínica, Donald Winnicott revolucionou a clínica e a teoria psicanalítica. A experiência clínica de Winnicott, que incluía desde bebês e suas mães (e pais), crianças, *borderlines*, psicóticos e adultos regredidos, o confrontaram com etiologias que não se originavam nas vicissitudes do drama edipiano, mas nos percalços do período inicial da vida – que ele denominou de desenvolvimento emocional primitivo. Essa longa experiência lhe permitiu elaborar sua “Teoria do Desenvolvimento Emocional Primitivo”⁶, na qual construiu uma perspectiva original sobre o processo de emergência do eu, pondo em evidência a participação decisiva tanto da vida emocional quanto do papel do ambiente nesse processo. Esta diversificada experiência clínica, como se sabe, faltou a Freud, que

⁵ Remeto ao leitor interessado a meus textos. “o Primado da afetividade”, (Plastino, 2001) e “Vida criatividade e sentido no pensamento de Winnicott” (Plastino, 2015)

⁶ Uma importante referência à teoria do “desenvolvimento emocional primitivo” pode ser encontrada no seu texto de 1948 “Pediatria e Psiquiatria”. (Winnicott, 2000/233,234). _

desenvolveu sua também longa experiência no trabalho com neuróticos adultos. Esta experiência permitiu ao fundador da psicanálise verificar o papel fundamental das relações triangulares e das complexas relações que constituem o denominado complexo de Édipo na etiologia do sofrimento psíquico neurótico. Todavia, a falta de experiência clínica sobre os estágios primitivos de formação do eu fez com que sua compreensão desse período fundamental da vida psíquica se limitasse, para além de algumas intuições geniais, à afirmação de pressupostos herdados do imaginário patriarcal e moderno. O trabalho pioneiro de Melaine Klein com crianças, por sua vez, para além de suas extraordinárias contribuições, ao adotar acriticamente os pressupostos deterministas e patriarcais de Freud, limitou o impacto desse trabalho e dessas descobertas na compreensão dos processos de formação do eu e de suas consequências. A muitas vezes lembrada desconsideração do papel fundamental do “ambiente” e a tentativa teórica de compreender o processo primitivo de formação do eu, pensando-o conforme a dinâmica conflitiva do drama edipiano, ilustram essa limitação. Os pressupostos que embasavam o pensamento de Freud o levaram a pensar as relações humanas como *inevitavelmente* conflitivas, postulando a existência do narcisismo primário e de um processo de socialização sustentado no conflito, na ameaça de castigo, na culpa, na repressão e no recalque.

Freud compreendeu a inexistência do ego no início da vida e sua emergência através das relações primárias, como se pode verificar no seu diálogo com seu amigo e interlocutor Raymond Rolland (Freud,1930). No primeiro capítulo do seu “O mal-estar na cultura” (Freud,1930), Freud comenta seu diálogo epistolar com Rolland, no qual o pensador francês afirmara a existência de um sentimento que denomina de “oceânico”, descrito como sendo um “*sentimento indissolúvel, de unidade com o todo do mundo exterior*” (Freud 1930,65). Não é minha intenção discutir aqui os diversos e importantes aspectos desse diálogo descrito por Freud⁷. Meu objetivo é comentar a concepção geral que subjaz à sua compreensão do que afirmara seu amigo e interlocutor. Uma leitura cuidadosa do capítulo primeiro do “Mal-estar na cultura” permite perceber que Freud interpreta a concepção de Rolland desde uma perspectiva muito diferente à de seu interlocutor. Este definira o “sentimento oceânico” como “*um sentimento de ligação indissolúvel, de pertencer ao todo do mundo exterior*” enquanto Freud o entende como “*um sentimento de conter o todo*”. (Freud,1930,66). Embora Freud pareça considerar ambas as expressões como equivalentes, elas exprimem perspectivas radicalmente diferentes. O sentimento de

⁷ Tratei do tema de maneira mais extensa no meu artigo “Sobre, Psicanálise, espiritualidade e religião”, in “Trieb”, Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, 2016.

‘conter o todo’, cuja reminiscência fundamentaria, na opinião de Freud, o sentimento oceânico, supõe a existência do narcisismo primário. O sentimento oceânico “*aspiraria a reestabelecer o narcisismo irrestrito*” (Freud, 1930, 73) um sentimento egóico primário (Freud, 1930, 69). Já o sentimento de ligação indissolúvel ao todo do mundo exterior, como escreve Rolland, não supõe um ego, mas uma situação inicialmente indiferenciada. Pensando esta questão na perspectiva da teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional primitivo, esta situação pertence aos primórdios da vida psíquica e é nela que é construído o narcisismo do indivíduo, inicialmente inexistente. As consequências para a vida psíquica de ambas formas de compreender esse período inicial são radicalmente diferentes e de enorme importância. No primeiro caso é postulada a existência do narcisismo primário e a inevitabilidade do conflito entre indivíduo e sociedade; no segundo caso torna-se necessário postular o conceito de individuação e o papel fundamental do ambiente – da sociedade – nesse processo. A importância dessa participação ambiental, que pode ou não favorecer a atualização das tendências naturais do sujeito, sustenta a historicidade – não determinação – das modalidades de relacionamento entre o indivíduo e a sociedade.

Construída a partir da singularidade de sua experiência clínica, a teoria winnicottiana prescinde dos postulados ontológicos, epistemológicos e antropológicos especulativos que embasam as concepções centrais do paradigma da modernidade e da metapsicologia freudiana. Em carta a Anna Freud, o mestre inglês confessa seu afastamento da metapsicologia, que na sua opinião fornece “*uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe*”. (Winnicott, s/d/51). Sua teoria e os conceitos que a integram se sustentam na experiência clínica, não escapando a sua compreensão que constituem “*hipóteses*”, mas, como sublinha enfaticamente: “*hipóteses que funcionam*”⁸. Sua experiência clínica cotidiana com bebês e suas mães lhe permitiu observar a extrema dependência inicial do bebê humano, ainda não integrado narcisicamente. Lhe permitiu ainda verificar a inexistência, nesse momento inicial da vida extra-uterina, de um ser narcisista fechado em si mesmo e orientado a confrontar-se com a sociedade. O que existe, constata Winnicott, é um psicossoma ainda não integrado como um ego, em estado de dependência absoluta de seu ambiente, vivendo o período primitivo do desenvolvimento emocional.

⁸ Ver nota cinco.

O conceito de psicossoma, central na teoria do desenvolvimento emocional primitivo, caracteriza uma ruptura frontal com o dualismo cartesiano que organiza a concepção antropológica da modernidade. Na concepção de Winnicott, o psicossoma é um organismo da classe dos mamíferos superiores – dotado, portanto, da capacidade natural para a empatia – que possui a extraordinária característica de elaborar imaginativamente suas experiências. Essa capacidade constitui a origem do psiquismo, cuja progressiva organização se opera ao longo do desenvolvimento emocional primitivo. O corpo humano, para Winnicott e de acordo com sua experiência, nada tem a ver com o postulado pelo imaginário cartesiano, que faz dele algo que pode ser pensado através da metáfora da máquina, parte da natureza concebida também conforme um modelo mecanicista, sendo assim esvaziado da capacidade de ter e apreender sentido. “*O corpo da criança sabe o que é nascer*”, escreve Winnicott, (Winnicott, 2000, 261) referindo-se à participação do bebê no ato de seu nascimento (Winnicott, 2000/1949, 255). Na sua experiência, a natureza humana não inclui apenas o corpo, mas também as emoções humanas. Em oposição à concepção metapsicológica, na perspectiva do desenvolvimento emocional primitivo, as emoções possuem e exprimem sentidos, resultantes tanto da expressão de necessidades fundamentais do ser humano – necessidade de acolhimento amoroso e de reconhecimento – quanto da elaboração imaginativa dessas necessidades e da experiência singular do sujeito. Na psicanálise ortodoxa, a concepção de uma força pulsional reduzida a pura quantidade é consequência direta e inevitável da adoção do dualismo e, neste, da concepção mecanicista da natureza e do corpo. Nessa perspectiva, a força pulsional, privada de sentido, receberia um significado criado pelo “polo” psíquico, polo superior na concepção dualista, e possuidora do monopólio da produção de sentido, assimilado ao significado criado pela linguagem.⁹ Ao longo do desenvolvimento emocional primitivo, cenário da constituição do ego e posterior reconhecimento de seus limites como consequência da percepção e aceitação da alteridade, o bebê humano mergulha num universo de sentido, num momento em que ainda não atingiu a capacidade de compreender os significados languageiros. Nesse período primitivo o bebê, ainda no processo de constituição narcísica, não vivencia a experiência do *desejo*, mas a da *necessidade*. O reconhecimento da alteridade, no contexto da “posição depressiva”, completa a constituição egoica e limita a onipotência do sujeito. Nesse estágio do desenvolvimento

⁹ Neste sentido, na formulação da segunda teoria pulsional, na qual postula a existência de duas forças antagônicas agindo tanto no nível cósmico quanto em cada homem (pulsão de vida e pulsão de morte), Freud se afasta de sua concepção mecanicista da natureza. O faz, entretanto, adotando outro pressuposto herdado: o essencialismo (Freud, 1920).

emocional, posterior ao sucesso dos processos de integração e personalização, a experiência do limite será condição do desenvolvimento emocional sadio. O reconhecimento e aceitação da alteridade é, portanto, constitutivo para o sujeito, sendo em consequência uma condição para sua saúde psíquica.¹⁰ Essa participação do outro, todavia, não opera sobre um corpo natural reduzido a sua força pulsional. O bebê humano está dotado de tendências naturais, cujas atualizações dependem da qualidade do cuidado ambiental, de modo que o fracasso deste impede o desenvolvimento emocional sadio. Escrevo “atualizadas” e não “realizadas” porque sua atualização na vida de cada sujeito constitui um ato de criação. Pela mesma razão não são pensadas como essências, mas como tendências. Abandonando radicalmente o modelo mecanicista, esta concepção se insere na perspectiva de uma natureza auto-poiética, afinada com a que emerge da ecologia e das ciências contemporâneas.

Para Winnicott, as tendências de cada ser humano não se limitam às compartilhadas por todos os membros da espécie. A partir de sua experiência clínica, que lhe mostra repetidamente formas de sofrimento originadas por sentimentos de inutilidade e falta de sentido da vida, Winnicott construiu o conceito de “falso self” (Winnicott, 1960/1983, 128), caracterizado como sendo consequência de uma experiência de submissão e adaptação ao outro, e pelo concomitante abandono do viver *espontâneo* e *criativo*, condição para a construção da singularidade de cada indivíduo e para a emergência do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Winnicott considera este último processo como expressão da atualização do “verdadeiro self”, o que, no entanto, não pode ser compreendido como sendo a realização da “essência” a-histórica do indivíduo, já que, sendo uma “tendência” e não uma “determinação”, sua atualização exige sempre a atividade espontânea e criativa do sujeito. A atualização das tendências tem como condição de possibilidade a espontaneidade, raiz natural da liberdade, que constitui assim uma exigência do desenvolvimento emocional sadio. O conceito de “verdadeiro self” tornou-se necessário para pensar formas de adoecimento vinculadas à repressão da espontaneidade do viver. No pensamento de Winnicott e conforme a sua experiência clínica, dita repressão tem consequências tão graves para o indivíduo, que ele as considera um ato de crueldade. As consequências da submissão são constatadas na experiência clínica, mas a possibilidade de pensá-las no contexto de uma concepção não essencialista exige o recurso ao paradoxo, conceito fundamental da concepção winnicottiana. Isto é assim porque se de um lado não é

¹⁰ Esse é o sentido, creio, da afirmação freudiana, segundo a qual “*Saímos do narcisismo para não adoecer*” (Freud, 1915).

possível negar o caráter doentio do desenvolvimento de um “self” adaptativo (falso self), de outro, considerando a historicidade e contingência do processo, não é possível atribuir essa consequência da submissão à não realização de uma “essência individual” atemporal. Nesta perspectiva, afastada da crença na capacidade da razão de conhecer “a verdade”, o paradoxo não é, como para o pensamento moderno, um erro da razão, mas expressão dos limites do pensamento racional nos processos de compreensão (e não de explicação).

No pensamento de Winnicott,¹¹ o bebê humano precisa, para se desenvolver desde seu centro, vivenciar na fase primitiva de seu desenvolvimento a ilusão de onipotência, necessária para a apropriação de sua natureza criativa. A participação decisiva do ambiente neste processo primitivo da construção egoica exige deste que sua presença se torne não perceptível pelo bebê, enquanto realidade externa não controlada por ele. Esta capacidade do ambiente é um aspecto crucial do processo primitivo de desenvolvimento emocional. Ela é favorecida por uma capacidade materna excepcional e provisória, constatada na experiência clínica, que Winnicott denomina “preocupação materna primária” (Winnicott, 1956/2000, 399) e que permitiria, durante as fases iniciais do desenvolvimento primitivo, uma excepcional apreensão e compreensão do vivenciado pelo bebê, tornando possível o atendimento das necessidades deste estando atenta aos seus gestos. Desse modo o bebê é poupado de tomar conhecimento da existência da realidade externa, podendo vivenciar a “*legítima ilusão de onipotência*”. Esta capacidade se integra a uma forma singular de comunicação entre o bebê e sua mãe, conforme modalidades específicas de relacionamento que Winnicott denomina de *mutualidade*, que pode ser descrita como forma de comunicação através do contato corporal, emocional e intuitivo, formas de comunicação “diretas e imediatas” que prescindem radicalmente da mediação da representação linguageira. Esta experiência desta forma de comunicação – a primeira para o bebê – integra a “matriz materna” (*Armony, N, São Paulo, 2013*), esmagada pela concepção do imaginário patriarcal, que como se viu, desvaloriza corpo, afeto e intuição.

O bebê humano precisa da ilusão e da desilusão, escreve Winnicott, acrescentando que a ilusão deve ser a experiência inicial, sendo essa prioridade necessária para a construção do ego, processo no qual o bebê humano precisa fazer a experiência de encontrar a realidade externa a partir de sua própria espontaneidade. A desilusão se integra à experiência emocional do bebê no processo que Klein denominou de “posição

¹¹ A abordagem das importantes questões abordadas neste e nos seguintes parágrafos é feita por Winnicott em diversos trabalhos e ao longo de mais de três décadas. Como referências importantes ver “Criatividade e suas origens” in “O brincar e a realidade” (Winnicott, 1975), “O Desenvolvimento emocional primitivo” (Winnicott, 1945/2000), “A agressividade no desenvolvimento emocional” (1950/2000).

depressiva”. Esta é vivenciada a partir da transformação da mãe, que começa a apresentar-se alternadamente como “mãe subjetiva”, criação do bebê segundo sua ilusão, e mãe objetiva, autônoma e não manipulável, limite para sua onipotência. A vivência da “posição depressiva” exige ainda que essa mudança do comportamento materno aconteça num momento da vida do bebê no qual seu desenvolvimento emocional o capacitam a lidar com ela. Para ser sadia, requer que o processo do amadurecimento já tenha desenvolvido de maneira suficientemente satisfatória os processos de integração e personalização e que seu amadurecimento tenha tornado o bebê capaz de desenvolver formas rudimentares de pensamento lógico. É neste momento da experiência de viver, no esforço de entender a mudança acontecida, que uma parte do psiquismo se organiza como “mente”, responsável pelo pensamento lógico. É importante frisar que, caso aconteça prematuramente, a irrupção da realidade externa na experiência do bebê e a consequente limitação de sua onipotência pode provocar o duplo efeito de precocidade intelectual acompanhada por uma regressão a estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional (Winnicott, 2000/1949,334). A história do grande matemático e prêmio Nobel John Forbes Nash, retratado no filme “Uma mente brilhante”, ilustra exemplarmente esse processo.

Percepção e aceitação da alteridade

Superados os momentos iniciais do processo de *individuação* – integração e personalização – o bebê humano pode transitar o último passo de sua constituição egoica: o reconhecimento e aceitação da alteridade e da realidade externa. Como assinalado acima, este processo é favorecido pela transformação materna, que ultrapassando a fase da “preocupação materna primária” começa a “falhar” na percepção dos gestos que exprimem as necessidades do bebê, que começa então a percebê-la progressivamente como “mãe objetiva”, separada dele e não manipulável por ele, ao contrario da “mãe subjetiva” com que lidava até então. Atingido na sua onipotência, o bebê reage “aniquilando” na fantasia essa mãe objetiva, manifestando essa fantasia por pequenos, porém perceptíveis comportamentos.

Neste momento, afirma Winnicott (Winnicott, 2000/1954.355, Winnicott, 2000/1945, 218), a “sobrevivência” materna é fundamental, entendendo por sobrevivência a manutenção, pela mãe, de um comportamento acolhedor e não retaliativo. Esta resposta leva o bebê a atualizar sua tendência natural à empatia, que lhe permite conquistar o sentimento de culpa. Winnicott fala de conquista porque dito sentimento evidencia a

aquisição da capacidade de reconhecer a existência do outro, fundamental para o desenvolvimento de sua sociabilidade natural e constitutiva. Este primeiro sentimento de culpa experimentado pelo bebê é considerado por Winnicott, de acordo com sua experiência, o início de uma trajetória que permite ao bebê fazer a experiência bem sucedida de sua capacidade reparadora, permitindo-lhe transformar a culpa em “concernimento”, isto é, sentimento de responsabilidade na vida compartilhada com o outro, agora descoberto. Winnicott não ignora a existência da ambivalência afetiva. Porém, a diferença de Freud, não considera que ela condena o ser humano a sofrer inevitavelmente de um sentimento de culpa insuperável, mas entende que ela é administrável pelo desenvolvimento do sentimento de responsabilidade pelos seus atos, sendo essa administração uma tarefa para toda a vida.

Esta apertada síntese do processo de reconhecimento da alteridade e da realidade externa, que a teoria nomeia “posição depressiva”, permite explicitar algumas consequências da maior importância para a compreensão antropológica. Torna evidente, em primeiro lugar, que a experiência do limite, ou seja a limitação da onipotência inicialmente legítima do bebê humano, não decorre, na sua origem, do desfecho dos conflitos vivenciados nas relações triangulares do drama edípiano, marcado pelo conflito, a culpa, a ameaça de mutilação, a repressão e o recalque, mas no contexto da relação dual do bebê com a mãe, caracterizado por formas de comunicação acima explicitada como mutualidade. O comportamento “ambiental” é caracterizado pelo amor e o acolhimento, não pela ameaça e o conflito. Marcando essa diferença fundamental, Winnicott afirma que *“a educação não pode substituir o amor”*. Referindo-se a esse desfecho da posição depressiva, Winnicott fala da emergência de *“um superego espontâneo”*, fruto da capacidade natural do bebê para a empatia. Winnicott concorda com Freud quando este rejeita a possibilidade de atribuir ao bebê humano “conceitos inatos” que lhe permitiriam diferenciar o bem do mal (Freud, 1986/1930). Entretanto, afirmando que o superego espontâneo é um sentimento e não um conceito, Winnicott discorda frontalmente de Freud sobre a origem e consequências da emergência do superego. O estabelecimento “da moralidade” na criança humana tem seu cenário inaugural, na concepção freudiana, na vivência do drama edípiano. Freud concebe essa vivência em termos de conflito, utilizando reiteradamente ao considerá-la metáforas bélicas. Afirma que a introjeção do superego no psiquismo infantil pode ser comparada ao *“estabelecimento de uma cidadela militar no coração de uma cidade inimiga”* (Freud, 1986/1930). Referindo-se ao drama edípiano, acrescenta que o *“indivíduo sai menor desse processo”* (Freud, 1986/1930). Assim,

exprime sem ambiguidades sua compreensão de que ao incorporar o superego social, o indivíduo sofre uma derrota para sociedade. Fundamentando-se em vários aspectos importantes já abordados neste trabalho, Winnicott discorda frontalmente dessa afirmação do fundador da psicanálise. O primeiro aspecto se refere a quem apresenta e representa a alteridade para o bebê. Como se viu, é a mãe, que o faz no contexto de uma relação dual. O segundo aspecto é a qualidade da atitude com que o bebê é confrontado: amor e não-retaliação ao invés de ameaça de mutilação e de perda do amor. O terceiro aspecto se refere à existência da empatia como dado natural do humano. Freud reconheceu a empatia, mas o dualismo e a concepção mecanicista da natureza que presidiam seu pensamento metapsicológico impediram-lhe de reconhecer como dado constitutivo da natureza humana. Longe de sair *menor* dessa experiência inaugural de percepção da alteridade, o sujeito emerge dela tendo incorporado um aspecto central de seu ser natural, a aceitação de sua inserção social e da alteridade. Deste processo emerge um aspecto fundamental da vida emocional que Winnicott denomina de “crer em...”, referindo-se com essa frase à conquista pelo bebê da confiança no outro (Winnicott, 1983/1963/88).

Winnicott não negava a significação do complexo de Édipo, que considerava uma das maiores descobertas da psicanálise. Contudo, ao considerá-la equivalente em importância, a descoberta da “posição depressiva” operada por Klein retira do complexo de Édipo a centralidade que tinha adquirido na teoria psicanalítica a partir da segunda década do século XX. Reconhece sua importância para a compreensão dos sofrimentos neuróticos, assim como o fato de constituir o cenário de construção das preferências sexuais. Critica, entretanto, o contexto teórico utilizado por Freud para pensar sua grande descoberta, contexto, como se viu, fortemente influenciado pelas crenças deterministas e patriarcais de Freud. A experiência de Freud com a vivência do Édipo desenvolvido numa sociedade ainda fortemente patriarcal, representada pelas famílias de seus pacientes e pela sua própria. Nessa época, a figura paterna era vivenciada em geral como distante e autoritária, o conflito edípico sendo vivenciado com pais com os quais a criança não estava habituada a brincar. Sobre essa experiência obviamente datada, Freud construiu sua teoria utilizando os pressupostos essencialistas e deterministas de seu pensamento. Atribuiu à vivência do complexo de Édipo o acesso da criança humana à dimensão da moralidade, o que como se viu é contestado pela experiência e a teoria winnicottiana. A centralidade do complexo de Édipo, que segundo Freud “todos os indivíduos tinham que enfrentar e resolver, é ainda criticada por Winnicott ao por em evidência que indivíduos que fracassam severamente no seu processo de desenvolvimento emocional primitivo não

chegam a vivenciar verdadeiramente o drama edipiano. Eles continuam vivendo no mundo da necessidade, sem acessar verdadeiramente o mundo do desejo.

A concepção antropológica que emerge da construção teórica winnicottiana é assim radicalmente diferente da forjada pelo imaginário patriarcal e reproduzido pelo imaginário moderno. Winnicott rejeita a existência da pulsão de morte, que Freud atribui à essência humana e que ele considerava constituir a incorporação na teoria psicanalítica da crença no pecado original (Winnicott, 1975,102). Na sua perspectiva, o bebê humano nasce dotado de agressividade, que não seria, no entanto, expressão de ódio, mas manifestação da força vital que impulsiona a “andar para a frente”, isto é, a afirmar a própria existência e criatividade (Winnicott, 1950/2000). No período inicial e com anterioridades à descoberta da alteridade e da emergência do superego espontâneo, o movimento agressivo não reconhece barreiras, sem que isso exprima ou demonstre a ação de qualquer “mal radical” agindo na vida emocional do bebê. Após o reconhecimento da alteridade, entretanto, a agressividade, quando impedida de agir, pode transformar-se em agressão, podendo ser, em estágios mais tardios do desenvolvimento emocional, acompanhada de ódio. Winnicott não ignorava a permanente presença não poucas vezes dominante da agressão na vida dos indivíduos e da sociedade. Entretanto, na sua perspectiva historicista, tal fato deve ser compreendido como parte de uma dinâmica presidida pela frustração, em sociedades caracterizadas por exploração econômica, dominação política e severas necessidades materiais e afetivas. Assim, é a história das relações entre os homens, e não a ação de qualquer suposta essência metafísica, que deve ser atribuída a transformação da agressividade – impulso de afirmação da vida – em agressão. Convém lembrar, neste ponto, que como toda tendência natural do homem, a empatia requer para seu desenvolvimento a ação favorecedora do ambiente. Seu desenvolvimento é então possível, não necessário, dependendo do tipo de sociedade que seja construída. O bebê humano é, ao nascer, necessariamente dependente, porém não necessariamente desamparado, como postulava Freud. Seu desamparo deriva de um eventual severo fracasso ambiental, o que novamente sublinha a responsabilidade à sociedade na organização da vida emocional de cada indivíduo.

A perspectiva historicista que deriva da construção winnicottiana dá um lugar de destaque à “força vital” (Winnicott, 2000/1950-55, 303), reconhecendo na agressividade e no erotismo duas expressões fundamentais dela. Nessa perspectiva, o papel da sexualidade é redefinido, reconhecendo seu extenso protagonismo na expressão do erotismo após a conclusão do processo de constituição egoica, porém rejeitando qualquer participação

significativa da pulsão sexual no processo de desenvolvimento emocional primitivo (Freud, 2000/1945, 218). A construção do próprio eu – “juntar os pedaços” –, para usar a conhecida expressão de Winnicott – constitui a tarefa inicial da vida, pelo que esta tem “*mais a ver com o ser que com o sexo*”, afirma categoricamente Winnicott. É verdade que pacientes que sofrem patologias que tem sua etiologia em falhas ambientais durante o processo de desenvolvimento emocional primitivo apresentam por vezes manifestações sexuais exacerbadas, por exemplo a masturbação compulsória. Essas manifestações, todavia, são mais a expressão de agonias primitivas do que de desejos sexuais. Finalmente, é preciso considerar o importantíssimo papel que a criatividade tem na construção teórica winnicottiana. Esse será tema do próximo e último item.

Fantasia, criatividade e realidade.

A longa experiência clínica de Winnicott com os processos de constituição da subjetividade e seus percalços, bem como o afastamento de sua reflexão teórica da camisa de força da metapsicologia, lhe permitiu construir uma perspectiva original do funcionamento psíquico e das relações com a realidade. Livre da pesada herança determinista do pensamento ocidental que, ao conceber o ser como “ser determinado”, (Castoriadis, 1968) reduziu o papel da fantasia a uma mera reprodução do percebido na realidade, o autor inglês pôde pensar a atividade da fantasia na sua dimensão de atividade fundamental e incessante da criatividade humana e de sua relação com a realidade. Na problemática da fantasia, como em tantos outros aspectos fundamentais – na questão dos afetos, a questão da intuição, por exemplo – o gênio de Freud abriu uma nova perspectiva a partir das suas experiências clínicas, mas tornou a fechá-la na elaboração metapsicológica.¹² O papel da fantasia no psiquismo e nos sofrimentos psíquicos, (neuróticos) embora reconhecida na sua importância, foi reduzida por Freud a uma reação patológica face à dificuldade evidenciada pelo paciente a aceitar a realidade que o frustrava. A adesão de Freud à perspectiva determinista fechou-lhe os caminhos para a compreensão da dimensão criativa da fantasia, o que o levou inicialmente a postular a existência de fatos reais na origem das fantasias de seus pacientes neuróticos, o que fazia delas apenas resultado de acontecimentos reais. E mesmo quando teve que renunciar por inverossímil a base real das fantasias de sedução – o que é conhecido na história da teoria freudiana como o abandono da “teoria do trauma – não desistiu de procurar no real o

¹² Creio que este é o sentido que deve ser atribuído à frase de Nise da Silveira, que afirma que “Freud abriu as portas do século XX, mas não entrou nele”.

fundamento da fantasia, chegando a postular a possibilidade de encontrar tal base real na pré-história da humanidade, numa realidade vivenciada pelos homens primitivos, transmitida por via filogenética.¹³ Esta acanhada compreensão da fantasia, prisioneira dos cânones deterministas e essencialistas do pensamento ocidental desde Parmênides, teve forte impacto na concepção que o fundador da psicanálise elaborou sobre a criatividade, limitada fundamentalmente ao estudo dos processos criativos de grandes artistas ou escritores (Winnicott 1975/100).

Numa perspectiva radicalmente diferente, Winnicott pensa que a capacidade de elaboração imaginativa das experiências é o embrião da capacidade humana não apenas de apreender a realidade, mas também de construí-la, e, em harmonia com a física quântica, considera que a participação das fantasias nos processos de conhecimento é indissociável do ato de conhecer. “*A fantasia é mais primária que a realidade*, escreve Winnicott, *e o enriquecimento da fantasia com a riqueza do mundo depende da experiência da ilusão*” (Winnicott, 2000/1945, 228). A compreensão de Winnicott sobre a complexidade do processo de apreensão da realidade e da construção do conhecimento pelo indivíduo tem como condição de possibilidade a superação do dualismo e o concomitante abandono da concepção que atribui à consciência racional o monopólio na atividade de conhecimento, e ainda do abandono da concepção mecanicista do corpo e da redução dos afetos naturais humanos à pura força desprovida de sentido. Vejamos esta questão com um pouco mais de detalhe. Na concepção de Winnicott, a criatividade é uma atitude face a realidade externa (Winnicott, 1975, 95), sustentada pelo agir espontâneo, que é o contrário do agir reativo, consequência da submissão. Esta atitude criativa face à realidade externa e à vida faz o indivíduo sentir que a vida é digna de ser vivida, sentimento este ausente nos relacionamentos de submissão, no qual a realidade é apenas reconhecida como algo a que ajustar-se, a exigir adaptação. A consequência desta última atitude, para Winnicott, é a emergência de um “falso self” – um self construído por adaptação –, o contrário do verdadeiro self, que requer para sua emergência um agir espontâneo e por isso criativo. Daí a importância atribuída por Winnicott ao fato de, desde o início da experiência de viver, o bebê humano encontre a realidade a partir de um impulso e não de uma adaptação. Para ele, a atitude submissa deve ser considerada uma base doentia para a vida. Estar vivo e saudável exige manter uma relação criativa com a realidade externa e isto é assim porque o impulso criativo é “naturalmente necessário” quando qualquer pessoa realiza algo de

¹³ Sobre esta questão, ver a interessante análise de Castoriadis, 1978.323 e ss..

maneira saudável. Assim, Winnicott outorga grande importância ao impulso criativo, como faz com tudo o que é expressão da vida, acusando as abordagens do tema desenvolvidas pela psicanálise ortodoxa de ter perdido de vista o principal, o impulso que sustenta a dinâmica humana. O impulso criativo não pode ser explicado, enfatiza Winnicott (Winnicott, 1975, 100), mas é possível estabelecer um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito, constatando-se assim que “a *criatividade relaciona-se ao estar vivo*” já que “*ser humano é perceber o mundo de maneira criativa*”. (Winnicott, 1975,99) É assim possível compreender as causas que levam a perda desse viver criativo, compreensão de grande interesse para a teoria do desenvolvimento emocional e para prática clínica. Assim, a relação criativa que cada indivíduo humano é capaz de estabelecer com a realidade externa é indissociável das experiências emocionais, sendo o respeito pela expressão da espontaneidade no viver do indivíduo que, como semente da liberdade, embasa a apropriação, por parte do indivíduo, dessa capacidade criativa. A experiência do viver criativo é assim condição do desenvolvimento emocional sadio.

A fantasia media sempre a relação humana com a realidade externa, sendo essa a razão que faz com que dita realidade esteja sempre em processo de criação. Neste ponto de seu raciocínio, tão afastado do imaginário moderno e tão perto da perspectiva contemporânea, Winnicott pergunta com bom humor o que diferencia os “normais” dos psicóticos, já que ambos se relacionam com a realidade através da mediação das fantasias. Responde que os ditos “normais” aprenderam com a experiência quais são as fantasias que funcionam e quais não, conservando as segundas para o terreno da religião e da arte. Como se vê, questões tais como inserção do homem na natureza, criatividade, fantasia, participação na realidade percebida são, no pensamento de Winnicott, indissociáveis da saúde humana. De uma maneira totalmente afastada da perspectiva determinista, a inserção do homem na natureza é compreendida como fonte de exigências cuja satisfação depende da inserção criativa no ambiente.

Considerações finais.

Desenvolvendo as grandes descobertas clínicas de Freud – inconsciente, processo primário¹⁴, empatia, papel da intuição, “saber dos poetas” – Winnicott liberou a psicanálise da camisa de força da ontologia, da epistemologia e da antropologia dualista e racionalista.

¹⁴ A diferenciação na atividade psíquica entre o processo primário e o processo secundário, discutida na primeira parte deste artigo, é fundamental para compreender os processos de criação.

Trabalhando em e com relações presididas pela comunicação afetiva, intuitiva e corporal, desenvolveu extraordinariamente a compreensão da significação da afetividade e da apreensão intuitiva nos processos constitutivos da subjetividade humana. Esta experiência lhe permitiu abandonar a crença – sustentada no dualismo corpo/psiquismo – que atribui à representação o monopólio na produção e transmissão de sentidos, podendo reconhecer a enorme riqueza comunicativa que, nos primórdios do desenvolvimento emocional, o bebê mantém com a figura materna e a qualidade dos sentidos fundamentais que dessa comunicação emana (continuidade na existência, sentimento de que a vida vale a pena ser vivida). Liberando-se assim dos pressupostos paradigmáticos da modernidade, o psicanalista inglês pôde, na teorização de sua experiência, lançar as bases de uma nova compreensão, tanto no que tange ao fenômeno humano e ao processo de constituição egoica, quanto à forma de ser da natureza humana, a questão do conhecimento e da forma de ser da realidade. Sua perspectiva teórica sustenta, ao mesmo tempo, a radical historicidade do homem – pensado como um ser para quem o sentido da vida é criar – e a sua não menos radical inserção na natureza e no coletivo humano, cujas tendências – coletivas e singulares – cada homem precisa atualizar criativamente.

A obra de Winnicott se beneficiou e ao mesmo tempo estendeu enormemente o papel dos processos inconscientes de apreensão da realidade aberta pela psicanálise, embora conhecida desde sempre pelos poetas. Nesta perspectiva, o riquíssimo e fundamental (no pleno sentido deste termo) relacionamento entre o bebê e sua mãe foi compreendido nos seus aspectos mais radicais e precoces, pela apreensão inconsciente que tanto o bebê quanto sua mãe têm um do outro. É essa modalidade de apreensão que sustenta conceitos centrais da compreensão winnicottiana da relação primária e de suas vicissitudes. Refiro-me aqui à percepção, pelo bebê, da qualidade do comportamento materno (acolhedor ou invasivo) e à apreensão, pela mãe, da singularidade de seu bebê, de suas elaborações imaginativas e de suas necessidades, apreensão que, tornada possível pela “preocupação materna primária”, capacita a mãe a compreender a fantasia de seu bebê e agir favorecendo nele a ilusão de onipotência, fundamental no início da vida para o desenvolvimento da criatividade. Como experiência de conhecimento, a psicanálise permite pensar formas de produção e apreensão de sentido que constituem as raízes mais profundas da construção da subjetividade. Sentidos básicos como os de existir, ser amado ou ser rejeitado, sendo produzidos no contexto de experiências cuja precocidade torna inconcebível qualquer intervenção da consciência ou da linguagem, obrigam a postular outras modalidades de apreensão e produção de sentido.

No que tange à concepção antropológica, a obra de Winnicott é também portadora de uma perspectiva original e fecunda. A substituição da concepção especulativa construída pelo dualismo cartesiano pelo conceito de “psicossoma”, somado à compreensão da participação constitutiva do acolhimento materno na constituição do indivíduo como tal – do processo de individuação, portanto – Winnicott abandonou a ficção individualista e o correspondente conceito de narcisismo primário através do qual dita ficção foi incorporada ao corpo teórico da psicanálise. Como foi indicado acima, Freud foi sensível à participação do outro na constituição do sujeito, como mostra, por exemplo, a produção do conceito de identificação primária. Entretanto, a perspectiva dominante na sua obra adere ao pressuposto do paradigma moderno, que postula um indivíduo anterior à sua inserção na sociedade. Dessa concepção deriva a centralidade que atribui ao conceito de pulsão na dinâmica psíquica. Com efeito, essa dinâmica foi pensada como resultante da expressão da vida pulsional e sua permanente relação conflitiva com a realidade externa, incluindo os outros sujeitos, investidos libidinal e agressivamente. Winnicott não ignora a significação destes processos, mas considera que a dinâmica da vida não se reduz a relações entre a atividade pulsional e os objetos. Sua experiência sobre os processos primitivos de constituição do sujeito lhe permitiu constatar que essa dinâmica não é exclusiva, estando em permanente relação com outra dinâmica, que é autônoma. Os “objetos”¹⁵ não podem ser considerados apenas como alvos das pulsões, mas como participantes fundamentais dos processos nos quais se opera a constituição do sujeito, bem como nas permanentes relações de reconhecimento que são condição e exigência da vida social. Assim, os objetos são, prioritariamente, sujeitos de identificação e reconhecimento. É só após esse processo, literalmente fundamental, na medida que enseja a emergência do ego, que o impacto pulsional pode ser sentido pelo indivíduo. A dinâmica psíquica no período primitivo do desenvolvimento emocional não tem a ver com frustração ou satisfação pulsional, mas com sentimentos fundamentais tais como o “*sentimento de existir e de continuidade da existência*”, bem como – em caso de falha ambiental severa –, com as “*agonias impensáveis*”. No período da constituição subjetiva, o bebê vive ainda no mundo da necessidade, incluindo a de reconhecimento de sua singularidade.

A perspectiva historicista, imposta pela reiterada constatação clínica da singularidade de cada ser humano, assim como o caráter aleatório da decisiva intervenção

¹⁵ Na teoria psicanalítica, “objeto” é sempre um outro sujeito. A escolha desse termo para indicar o outro ilustra os pressupostos que embasam o pensamento da psicanálise ortodoxa. O outro é “objeto” porque é objeto de investimento pulsional.

do ambiente na constituição de cada sujeito, levou Winnicott a rejeitar o determinismo contido na hipótese freudiana da pulsão de morte e na crença no caráter insuperável da tendência destrutiva presente em todo homem. Na sua ótica, a destrutividade, quando compreendida como um movimento originário do humano, é indissociável da criatividade. A perspectiva de inserção na natureza, por sua vez, não caracteriza a existência de “determinações” inevitáveis, expressão de uma natureza pensada como imodificável¹⁶, mas de *tendências*, ou seja, linhas de força da natureza humana, mas que exigem para sua atualização histórica um movimento criativo do sujeito, tributário da ação favorecedora do ambiente. Essa rica perspectiva tornou possível superar o dualismo entre natureza e cultura, bem como a concepção que pensa a relação entre ambas como inevitavelmente conflitiva. Abandonando radicalmente a metáfora mecanicista que tanta influência tivera no pensamento de Freud, Winnicott desenvolve uma concepção *vitalista*. É nesta perspectiva vitalista que se inscreve a ideia das “tendências”, bem como a dinâmica fundamental da vida humana que o psicanalista inglês denomina de “*espontaneidade*”. Ambas, as tendências e a espontaneidade, são de fato duas faces da mesma questão. As tendências se atualizam na história – sempre como criação – quando elas podem se desenvolver espontaneamente na experiência de cada sujeito, isto é, quando o ambiente em que este está inserido o favorece.

Nesta perspectiva, a questão da felicidade humana e do sentido da vida não podem ser compreendidas apenas através do conceito de “prazer”, devendo sê-lo no contexto da dupla inserção natural da vida humana: na natureza, através da atualização criativa das tendências naturais, e na cultura, através da experiência da criatividade e da inserção na sociedade. O sentido da vida depende assim do respeito à singularidade e ao viver espontâneo de cada indivíduo. Esta compreensão exige distinguir o sentido do significado. O significado é uma produção coletiva que organiza um conjunto de representações que, em determinado momento histórico, fornece respostas aceitas como crenças pelo coletivo. As “grandes narrativas” cumpriram historicamente esse papel. Os significados são construções históricas contingentes. O sentido da vida está relacionado com a inserção do homem na natureza, com a atualização criativa de suas tendências naturais e com a inserção criativa e solidária no coletivo humano. O sentido da vida não depende, então, de se ter respostas sobre questões fundamentais. Trata-se de uma experiência emocional

¹⁶ Freud definia as pulsões de vida e de morte como expressão da natureza indomável na nossa constituição psíquica. (Freud, 1930). A concepção de natureza que subjaz a esta concepção integral, como é evidente, o determinismo do pensamento herdado.

indissociável da experiência subjetiva de criar a própria subjetividade, vivenciando, ao mesmo tempo, o pertencimento à natureza e ao coletivo humano.

Na concepção da realidade e das relações com ela, o pensamento winnicottiano se afasta decisivamente da postulada pela modernidade e por Freud. A participação do sujeito na organização da realidade através do processo de conhecimento – tal como postulada pela física quântica – inspira também o pensamento de Winnicott: “*Objetividade* – escreve – *é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido*” (Winnicott, 1971, 96). A óbvia participação da fantasia criativa nesses processos o levaram, como se viu, a discordar de Freud no que tange ao papel da fantasia. Assim, se para o fundador da psicanálise a fantasia tinha um papel compensatório para o sujeito, que buscava nela ressarcir-se das frustrações provocadas pela realidade, para este uso da imaginação, inquestionável e frequente, Winnicott reserva a denominação de “devaneio”. Quanto à fantasia, conforme salientado acima, ele a considera “*anterior à realidade*”, na medida que todo contato com a realidade é mediado por ela. Esta afirmação não significa a postulação de uma perspectiva radicalmente idealista que veria na realidade uma pura projeção do sujeito. Ela exprime uma perspectiva na qual a realidade com que lidamos é co-produzida por nós, sendo esse processo mediado pela atividade da fantasia.

Convém frisar que a apreensão inconsciente não opera apenas durante o processo de desenvolvimento emocional primitivo, mas constitui uma forma permanente de funcionamento do processo de apreensão do real pelo psiquismo humano. Diferentemente dos processos de apreensão consciente, não é mediada pelo ego. Ela é direta, supondo não uma atividade que ordena a realidade constituindo objetos, mas uma atitude de recepção e acolhimento do impacto do real sob sua forma magmática. Constitui um pressuposto dos atos reflexivos, permitindo pensar a difícil questão da eficiência do saber científico. Com efeito, se a ciência deve ser considerada não como um espelho do real, mas como uma construção contingente que o ordena, como explicar então que essas construções tenham valor operatório, isto é, sejam capazes de manipular o real? Excluindo a hipótese de uma “feliz coincidência”, torna-se necessário postular a existência de processos que orientem a construção dos modelos científicos de maneira a torná-los capazes de apreender algo da forma de ser do real. Assim, a experiência da apreensão direta supõe uma forma de ser do real que não se confunde nem com uma organização racional nem com o puro caos. Dito de outra maneira: a compreensão da decisiva participação humana na produção da

organização presente no real não equivale a conceber este como privado de toda e qualquer forma própria de ser. Mas por outro lado, não é possível atribuir-lhe uma ordem determinada existente em si mesma, na medida que o ato de conhecimento introduz algo do sujeito não apenas no ato de conhecer, mas no próprio objeto. (de Sousa Santos, 2002, 38). No contexto de uma concepção do conhecimento que, abandonando tanto a onipotência do racionalismo como o pressuposto de uma forma de ser do real inteiramente organizado conforme a lógica identitária, nossos conhecimentos se legitimam não por ser expressão da “verdade” do ser, mas pela sua pertinência. Isto é, sua capacidade para, apreendendo algo da forma de ser do real, poder agir sobre ele. Assim, eles são úteis, pertinentes. Mas também provisórios. São “*hipóteses que realmente funcionam*” (Winnicott, 1948/1982, 288) eficientes para lidar com seus “objetos” específicos.

Construídos para lidar com uma concepção do real heterogêneo e complexo, muito diferente do postulado pelo pensamento determinista, nossos conhecimentos são provisórios e plurais. A abordagem científica, eficiente no mundo da matéria, revela-se inadequada para lidar com a experiência humana, individual e coletiva, na qual os aspectos determinados são limitados pela incessante criatividade humana e pela preeminência dos fatores emocionais. Estes últimos são a matriz da emergência dos nossos “valores”.¹⁷ Os conhecimentos construídos sobre a vida humana individual e coletiva exigem, assim, para além das “explicações” fornecidas pela abordagem científica, a decisiva construção dos saberes compreensivos. Nesta perspectiva, não se procura uma “ciência unificada”, mas a articulação de um conjunto de galerias temáticas que, constituindo um saber complexo e permanentemente provisório, jamais estará isento das marcas da subjetividade de seus produtores. Este conjunto de saberes, provisórios e provisoriamente articulados, constitui, contudo, uma construção capaz de fornecer conhecimentos que é prudente acolher. Esta perspectiva, creio, sustenta a legitimidade dos conhecimentos que, por serem possíveis, são também irrenunciáveis. É nesta ótica que convém lembrar a afirmação de Boaventura de Sousa Santos, para quem “*as ideias de contingência e fragmentação que ocuparam o espaço deixado pelo determinismo transformaram-se numa maneira irresponsável de pensar a transformação social ou a impossibilidade dela*”. (de Sousa Santos, 2000, 32,

¹⁷ Este tema, de enorme importância, não pode ser discutido no limitado espaço deste artigo. Na concepção winnicottiana, a questão dos valores na experiência humana é inaugurada quando, a descoberta da alteridade no contexto de um ambiente acolhedor, amoroso e não retaliativo, ativa no bebê o sentimento natural de empatia e compaixão. Os valores não têm, assim, seu fundamento nem na compreensão consciente nem no discurso racional, mas nas emoções e experiências humanas.

33). Para este fecundo autor, é preciso construir um paradigma de conhecimento que, sendo *prudente*, permita construir uma *vida decente*.

Referências bibliográficas

Armony, Nahman, “O homem transicional. Para além do neurótico e borderline”. Zagodoni Editora, São Paulo, 2013.

Castoriadis, Cornelius, “A Instituição imaginária da sociedade”, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1986.

Freud, S. “Projeto de uma psicologia para neurólogos”, Amorrortu editores, vol I, Buenos Aires 1950/1986

Freud, S. “A interpretação dos sonhos”, Obras Completas, Vol. V,

Freud, S. “O Inconsciente”, Obras Completas, vol. XIV, ed cit.

Freud, S. “O ego e o Id”, obras completas, vol. XIX, ed. cit.

Freud, S. “Presentación autobiográfica”, Obras Completas, vol. XX, ed.cit.

Laborde, Notale, E “ La videncia y el inconsciente”, Paidos, Buenos Aies, 1992

Plastino, C. “A Aventura Freudiana. Elaboração e desenvolvimento do conceito de Inconsciente em Freud”, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1993.

Plastino, C. “O primado da afetividade”, Relume-Dumará, 2001.

Plastino, C, “Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott”, Garamond editora, Rio de Janeiro 1914.

Sousa Santos, B. “A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência”, Cortez Editora, São Paulo, 2000.

Winnicott, D. “Memória do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade”, in “Da Pediatria à psicanálise, Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Winnicott, D. “O gesto espontâneo”, Martins Fonte, São Paulo, s/d;

Winnicott, D. “Pediatria e Psiquiatria” (1948/), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, rio de janeiro, 2000.

Winnicott, D. “Distorção do ego em temas de verdadeiro e falso self” (1960), in “O ambiente e os processos de maturação”, Artmed editora, Porto Alegre, 1983.

Winnicott, D. “O brincar e a realidade”, Imago editora, Rio de Janeiro, 1975.

Winnicott, D. “O Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, Rio de Janeiro, 2000.

Winnicott, D. “A agressividade no desenvolvimento emocional” (1950), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, Rio de Janeiro, 1950/2000.

Winnicott, D. “A preocupação materna primária” (1956), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, Rio de Janeiro 2000.

Winnicott, D. “A mente e sua relação com o psicossoma” (1949), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, Rio de Janeiro, 2000.

Winnicott, D. “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal” (1954), in “Da pediatria à psicanálise”, Imago editora, Rio de Janeiro, 2000.

Winnicott, D. “Moral e religião” (1963), in “O ambiente e os processos de maturação”, Artmed, Porto Alegre, 1983.

Recebido em: 15/09/2017

Aprovado em: 04/04/2018